

“Tecnologia é sobre pessoas”: Como iniciativas antirracistas fortalecem redes e impulsionam transformações sociais¹

Laís Sebben Xavier²

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Resumo

Esta pesquisa investiga duas iniciativas antirracistas no campo da tecnologia – PretaLab e Instituto da Hora (IdH) com o objetivo de compreender de que forma as suas ações contribuem para ampliar o debate sobre racismo e tecnologia. Com base na Análise Temática (Braun e Clarke, 2006) das entrevistas semiestruturadas com participantes dos cursos formativos das organizações, identificamos dois pontos centrais: a educação como vetor de transformação social e o “aquilombamento moderno” por meio de redes de fortalecimento. Os resultados revelam como a forma social escravista (Sodré, 2023) e a branquitude (Bento, 2002) são reproduzidos no campo tecnológico, reforçando estruturas que sustentam o mito pós-racial (Noble e Roberts, 2022) e a branquitude algorítmica (Carrera, 2024).

Palavra-chave: mulheres negras; tecnologia; racismo; branquitude.

Na conjuntura em que vivemos, sabe-se que não existe mais separação das tecnologias digitais e da sociedade, vivenciamos as consequências dessa imbricação e precisamos de um olhar crítico sobre os seus efeitos. Silva (2020) sublinha que o racismo *on-line* é muito mais perverso em sua atuação pois, além de se manifestar de forma isolada, ocorre de forma sistemática para que os privilégios da branquitude sejam preservados na sociedade. Os problemas destes agentes artificiais também são frequentes, conforme Silva, estes são, muitas vezes, ligados a vieses de raça, gênero, classe, localidade, neuroatipicidade, entre outros (*idem*).

Esta pesquisa³ investiga duas iniciativas antirracistas na tecnologia - PretaLab⁴ e Instituto da Hora⁵ (IdH), com o objetivo de compreender de que forma as suas ações contribuem para ampliar o debate sobre racismo e tecnologia. Comprometidas com a democratização da tecnologia, ambas têm sede no Rio de Janeiro/RJ, mas sua incidência de atuação reflete-se em diversas regiões do Brasil.

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da ECO-UFRJ, e-mail: lais.sebben@gmail.com.

³ Esta pesquisa é resultado da dissertação de mestrado desta autora.

⁴ PRETALAB. Disponível em: <https://www.pretalab.com/>. Acesso em: 18 ago. 2023.

⁵ INSTITUTO DA HORA. Disponível em: <https://www.institutodahora.com/>. Acesso em: 18 ago. 2023.

A metodologia adotada foi o estudo de caso, com base na Análise Temática (Braun e Clarke, 2006) de entrevistas semiestruturadas realizadas com as participantes do Ciclo Formativo Introdutório da PretaLab e do curso “EncriptaDes”⁶ do IdH. O público-alvo da PretaLab contempla mulheres (trans ou cis, negras ou indígenas), e o IdH, jovens da periferia de Belém e Recife, com incentivo à participação de pessoas negras, quilombolas, indígenas e da comunidade LGBTQIAP+.

Os pontos que se destacaram no resultado do trabalho foram como a educação atua como vetor de transformação social na vida das participantes e, para além disso, a compreensão de que o que tem sido realizado no âmbito dos cursos formativos é uma forma de “aquilombamento moderno” pois as mulheres negras entrevistadas se veem como parte de uma comunidade na qual se sentem fortalecidas, acolhidas, compreendidas e vistas. Tal empoderamento demonstra que, ao fomentar o protagonismo de mulheres negras na tecnologia, as iniciativas contribuem para o debate sobre o racismo na tecnologia.

A análise revelou ainda que o racismo e o sexismo estão presentes no cotidiano da vida dessas mulheres e se estendem para o ambiente tecnológico, fator que demonstra como a forma social escravista (Sodré, 2023) está enraizada na sociedade brasileira, acompanhada do pacto narcísico da branquitude (Bento, 2002), pois observamos que, muitas vezes, existe a negação da existência do racismo e o apagamento de pessoas negras no campo da tecnologia. Assim, Bento infere que existe um pacto entre brancos, a que chama de pacto narcísico, “que implica na negação, no evitamento do problema com vistas a manutenção de privilégios raciais” (Bento, 2002, p. 7). Tais privilégios são atualizados nas empresas de tecnologia. Corroboramos com Silva (2020), ao argumentar que os estudos sobre a branquitude desempenham um papel central na análise de como as tecnologias automatizadas contribuem para a perpetuação e manifestação de vieses discriminatórios.

Ao retomarmos o conceito de dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023) e atualizá-lo para o cenário digital, podemos concluir que, no que se refere à análise crítica das tecnologias digitais, os dispositivos também envolvem os algoritmos e sistemas automatizados pois favorecem, constantemente, a branquitude, invisibilizando grupos racializados, perpetuando desigualdades e conectando as opressões sociais e tecnológicas.

⁶ O curso foi realizado em parceria com as Manas Digitais (de Belém) e o Pajubá Tech (em Recife) e apoio do Fundo Baobá.

Portanto, percebemos como a forma social escravista e a branquitude reforçam estruturas que sustentam o mito pós-racial (Noble e Roberts, 2022) e a branquitude algorítmica (Carrera, 2024), ocultando as desigualdades raciais e de gênero no setor, dificultando a resolução dos problemas sistêmicos.

Referências

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. doi:10.11606/T.47.2019.tde-18062019-181514. Acesso em: 31 jan. 2025. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/pt-br.php>.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 3(2), 77–101. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 11 fev. 2025.

CARRERA, Fernanda. Algoritmos brancos: notas sobre a branquitude algorítmica e a inexistência do erro. In: CORRÊA, Laura Guimarães *et al.* (Org.). **Vozes negras em comunicação II: interseções, diálogos e caminhos**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2024 (Coleção Cultura Negra e Identidades).

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

NOBLE, Safiya Umoja; ROBERTS, Sarah T. **Elites tecnológicas, meritocracia e mitos pós raciais no Vale do Silício**. Fronteiras-estudos midiáticos, v. 22, n. 1, p. 36-46, 2022.

SILVA, Tarcízio. Visão computacional e racismo algorítmico: branquitude e opacidade no aprendizado de máquina. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, n. 31, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/744>. Acesso em: 14 out. 2024.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos brasileiros de psicologia**. Rio de Janeiro. Vol. 71, n. 2 (maio/ago. 2019), p. 51-67, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/245380>. Acesso em: 11 fev. 2025.